

# IMAGEM: CONCEITOS QUE PERMEIAM UMA SOCIEDADE NOS DISCURSOS, NO ESPAÇO E NO TEMPO

Symone Angélica Cesar da Silva Augusto<sup>1</sup>

Elaine Filomena Paiva Assolini<sup>2</sup>

*A imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação.*  
(ACHARD, 1999, p. 30)

**Resumo:** As imagens circulam por vários materiais didáticos e nos espaços educacionais e o modo como uma sociedade expressa-se ao desenhar, fotografar, pintar entre outras manifestações imagéticas tornam-se arquivos imprescindíveis para a identificação do aluno com o material didático. Nosso percurso dentro da área da educação proporcionou-nos algumas inquietações, no que se refere a sujeitos de diferentes etnias e raças, como índios, negros e asiáticos, que vivem à margem da educação e não se veem representadas nos livros didáticos, dessa forma investigamos algumas imagens que circulam nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Fundamental I (1º ao 5º ano) utilizados em salas de aula de uma escola pública. Entrevistamos professores(as) com o objetivo de escutá-los a respeito de suas práticas pedagógicas escolares com imagens contidas nos livros didáticos. Nosso objetivo é entender se e como a identidade cultural (HALL, 2006), está representada nos livros didáticos e se e como os (as) professores(as) mediam e abordam essa temática que circula em toda sociedade em qualquer lugar do mundo. Seguindo um caminho investigativo e buscando indícios e paradigmas indiciários (GINZBURG, 1980) esta pesquisa utilizou o arcabouço teórico metodológico da Análise de Discurso de matriz francesa, que utiliza as obras de Pêcheux, Foucault, Orlandi, Coracini e Assolini entre outros. Apresentamos resultados parciais de uma investigação, cujos os resultados indicam que os professores entrevistados respeitam a identidade cultural, mas não sabem como trabalhar com esta questão no dia a dia da sala de aula. Em concordância com Coracini e Cavallari, (2016), entendemos ser desejável que o aluno se reconheça no livro didático, encontrando ali representações de si, de sua subjetividade, desejos e pensamentos.

**Palavras-chave:** Educação; imagens; livros; professor(a); análise de discurso francesa.

## Introdução

Fundamentados na Análise de Discurso de Matriz Francesa, apresentamos resultados parciais de uma pesquisa que investiga as imagens de crianças nos livros didáticos de Língua Portuguesa e que indicam que a leitura de imagens não é valorizada como deveria. Objetivamos entender se/como os professores abordam em salas de aula de Ensino de Fundamental I essa temática.

Nosso *corpus* é constituído por entrevistas semiestruturadas realizadas com professores da rede municipal de escolas do interior de São Paulo. Usamos recortes das entrevistas realizadas com sujeitos-professores, destacando as sequências discursivas que serão analisadas, a partir de nossos gestos interpretativos.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de pós-graduação da FFCLRP-USP, membro do Gepalle - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização, Leitura e Letramento. E-mail: [symoneaugusto@usp.br](mailto:symoneaugusto@usp.br)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação, Informação e Comunicação Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Ribeirão Preto – SP – Brasil. E-mail: [elainefdoc@ffclrp.usp.br](mailto:elainefdoc@ffclrp.usp.br)

O livro didático (LD) ocupa espaço de grande importância na área da Educação, devendo atrair um olhar de desejo de aprender e de saber do aluno, seja qual for sua classe social, raça ou cor. Em concordância com Coracini e Cavallari (2016, p. 30), entendemos ser desejável que o aluno se reconheça no livro didático, encontrando ali representações de si, de sua subjetividade, desejos e pensamentos.

### **Análises discursivas**

Analizamos um fragmento da entrevista realizada com um sujeito-professor X, de uma escola do interior de São Paulo.

#### **Recorte número 1**

**Pergunta 1:** Como você trabalha as imagens nos livros didáticos?

**Resposta do sujeito-professor X:** **A proposta do livro que a gente adotou** é que você através da..., consiga fazer a leitura da imagem e questionar aquilo, então a primeira coisa é o tema, esse é exposto através da imagem... **já tem uma orientação pra você trabalhar pra despertar a consciência crítica do aluno em cima da imagem** e depois em cima daquele conceito que se formou da imagem há o texto para ser trabalhado referente aquele tema.

O sujeito-professor X, ao relatar seu trabalho com as imagens nos LDs, começa destacando sobre a proposta encontrada no manual do professor: **A proposta do livro que a gente adotou;** em alguns casos o professor julga como verdade absoluta o discurso trazido pelo manual do professor no LD. Dessa forma não questiona e não se sente como sujeito-participante da construção de ideias e conceitos educacionais. Inscrito em formações discursivas nas quais predominam o entendimento de que os Livros Didáticos são inquestionáveis, não se entende como sujeito capaz de discutir ou refutar as ideias dos autores dos Livros Didáticos

Dando continuidade, iremos nos deter na sequência discursiva **já tem uma orientação pra você trabalhar pra despertar a consciência crítica do aluno em cima da imagem.** Assolini (1999, p. 14), destaca que em uma sociedade que se divide em classes antagônicas como a nossa o livro didático constitui instrumento usado pela sociedade capitalista para homogeneizar e igualar aqueles que são diferentes e heterogêneos. Quando o sujeito-professor destaca que a proposta é do Livro Didático, podemos relacionar esse recorte com o que diz Pêcheux (1995, p. 148), que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, dessa forma na tentativa ilusória de trabalhar as imagens dos Livros Didáticos, o sujeito-professor fica submetida às regras do manual de orientações.

As imagens das crianças nos Livros Didáticos parecem não ser lidas pelos professores de maneira a proporcionar ao aluno condições favoráveis de produção para identificar om s imagens. Estas são tratadas como meras ilustrações. Para a pesquisadora brasileira Coracini (2016, p. 30), o livro didático ocupa um espaço de grande importância, devendo atrair um olhar de desejo de aprender, de saber do aluno, seja qual for a classe social, raça ou cor. Segundo a estudiosa, com quem concordamos, é desejável que o aluno se reconheça no livro didático, encontrando ali representações de si, de sua subjetividade, desejos, pensamentos (CORACINI; CAVALLARI, 2016, p. 30).

A imagem trazida abaixo consiste do recorte de um Livro Didático de Língua Portuguesa usado pelo sujeito-professor X entrevistado. Esse livro foi escolhido por meio de análise feita pelos sujeitos-professores e toda equipe pedagógica da escola do interior de São Paulo, a partir da fase de escolha dos livros, registrada em duas opções, a FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) envia os livros escolhidos ou que estiver em disponibilidade.



## Referências

ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ASSOLINI, F. E. P. *Pedagogia da leitura parafrástica*. Dissertação de mestrado. Ribeirão Preto: USP, 1999.

CAVÉQUIA, M. P. *Letramento e alfabetização: a escola é nossa, ensino fundamental-anos iniciais, 1º ano*. São Paulo: Editora Scipione, 2016.

CORACINI, M. J. R. F. CAVALLARI, Juliana Santana. (Org.). *(DES)construindo verdade(s) no/pelo material didático: discurso, identidade, ensino*. Campinas: Pontes Editores, 2016.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário, In: C. GINZBURG. *Mitos, emblemas, sinais*. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia de Letras, 1980.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORLANDI, E. P. *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1993.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.